

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses
Ano III—Numero 119
Preço a rublo 1 Escudo
12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GÊNICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



Os heróis da transfusão de sangue!

No Hospital de S. José registaram-se ultimamente alguns casos em que, com uma grande abnegação homens saudáveis cedem o seu sangue a doentes. E bem verdadeira esta página de emoção!

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

LISTA NEGRA

Atendendo aos inumeros "calotes" de tabacarias, agentes, anunciantes e assinantes do nosso jornal, que depois de firmarem os respectivos contratos se negam sistematicamente a satisfazer os seus debitos, publicaremos brevemente a lista completa dos "caloteiros", a fim de prevenirmos os incautos.

A ADMINISTRAÇÃO

cronica da semana

A NOSTALGIA DE LISBOA

LISBOA é uma cidade cheia de vicios — como todas as cidades, Lisboa mesmo é um vicio. Um vicio que mata—como a cocaina, depois de nos ter dado uma porção de sonho.

A gente habitua-se a Lisboa como se habitua a amar uma mulher. Essa mulher tem defeitos? Que importa, se nós gostamos dela? E agora, que Lisboa começa a ter um arsinho de "boulevard", a calçar como se calça em Paris, a vestir como se veste em Madrid, a andar como se anda em Berlim, agora que a cidade se vai mostrando "coquette" aos nossos olhos, o seu encanto é maior. Para apreciar a saude, é necessario perdê-la. Para sentir o encanto de Lisboa, basta sair de Lisboa.

Vem aí o verão. Vai começar a debandada. Lisboa transfere-se provisoriamente para a praia e para o campo. A estação do Rossio enche-se de malas e os hotéis das termas enchem-se de neurastenias ambulantes.

Neurastenias que vão de Lisboa? Não! Neurastenias que regressam em outubro a Lisboa. As estancias termais e as praias familiares são verdadeiras fabricas de neurastenias, que veem curar-se no inverno a Lisboa.

Em fins de setembro começa a pesar sobre os veraneantes a nostalgia da cidade. O casino torna-se insuportavel. A praia é uma aldeia cheia de vicios, o proprio mar é triste. E sabem porque está triste o mar em outubro? Porque ele é o unico veraneante que não pode regressar a Lisboa.

NORBERTO LOPES

COINCIDENCIA



—Parece que vamos cair num banco... —Calha bem vou trocar dez marcos que tenho aqui.

Má Língua

OS CIGANOS

Contam jornaes, que um bando de ciganos, depois de percorrerem Mecca e Meka, demandaram os ares lusitanos e acamparam nas margens de uma dôca.

Vae longe o tempo em que Attila e os Hunos, em legiões fumegantes de maldade sob os seus calcanhares importunos talavam os nabaeos da Christandade.

A Belleza acabou. Submisso e brando o homem é um leão mudado em agno; não é mister, contra a «invasão»... de um bando, um Governo Civil de Carlos Mgqno.

Nômodas? quem não anda pelo mundo (da phantasia, quando mais não sej) a procurar, numa hora ou num segundo, a posta, o posto, a pista que se veja?

Os que andam de comboio, por ventura teem com isso um merito mais forte que os que pizam a terra aspera e escura sem ter por passa-culpa um passaporte?

Essa gente morena e animosa seria recebida com foguetes se nos trouxesse faces cor de rosa e almas seguras só por alfinetes?

Aqui na aldeia, quando corre fuma que um bando desses acampou na Feira, os heroes, ao Sol-pôr, vão para a cama onde passam de véia a noite inteira.

Trancam-se portas num terror extranho, com tamanhos resguardos no trancar, como se a terra, e o seu pinoso amanho, deixasse em casa muito que roubar.

Parada de Gonta—Abril-1927.

questão prévia

LINDOS dias!... Figuro-me a passa-los num repleto de serania, longe da cidade e do seu bulicio, com alguns livros e sem preocupações.

Saio de manhã ao terreo da casa humilde —que me abrigaria na ecloga que imagino— e saúdo o sol, que se ergue e vai rolando a sua roda de ouro sobre os pinaros dentados da serra. Nos vales, a gaze de neblina desfaz-se em pérolas de orvalho. Nas quebradas, pastam tranquilamente as ovelhas, indiferentes aos homens e ás lutas que eles travam entre si. Para que se não diga que eu favoreço a reacção clerical—que já em letra de fôrma vi que «campesina infreña»—não porei no alto dum monte uma airosa capelhinha branca, donde caem bençãos e promessas de paz, no cantar argenteo dum sino traquinas. Mas não me dispuzo de meter nesta descriçã bucolica um pastor tostado, tangendo frauta pela serra abaixo, a caminho daquela chá, onde, entre os pinchos dos irrequietos cabritos, está entretecendo uma capela de flores silvestres a morena pegureira, a quem o pastor vai dizer, enamorado, as palavras de lamento e madrigal que entre si trocam os zagals de Bernardim Ribeiro.

Mergulho nesta orgia bucolica e vou, tambem como um zagal, saltando de penhasco em penhasco, com o meu cajado, o meu naco de boró e de queijo no bolso do jaquetão, surprender o idilio pastoril, lá em baixo, na chá atapetada de flores.

Que doce paz dispersa no ar aveludado! Na serenidade augusta do ceu alto um milhafre descreve largos vôos concentricos. Um regatinho palreiro vai dizendo aos seixos coisas incompreensíveis, mas bonitas. Num ambiente assim creio que até a leitura dum arido decreto me haveria de saber ao lirismo de Correia d'Oliveira.

Contorno a chá. Não espelitarei o idilio dos pastores. Recio que, em vez de lhe dizer as doces falas de Bernardim, ele esteja, com fins inconfessaveis e em prosa arteira, prometendo á pastora que a arrecede, mal o padrinho o livre das sortes.

Regresso, trepando lentamente a serra. Taqueio o meu farnel á sombra dum penêdo, bebo no fio limpidô duma fonte, que nenhuma mão poluiram. O sono pesa-me docemente nas palpebras. O sol vai alto. A paisagem amadorna na tepidez do meio dia proximo...

...Infelizmente, paisagem, idilio, mansos rebanhos torando a herva, pastoras entretecendo grinaldas e pastores tangendo frautas, toda esta bucolica e toda esta ecloga só as conheço de oleografias romanticas ou, pior ainda, de

ECOS

Propaganda de Portugal

O Sr. Ministro de Interior fez publicar nos jornaes um decreto que é, sob muitos pontos de vista, notavel.

Ao lado do organismo, que vêm, atacados da doenca do sono, dormindo ha largos anos na choradeira da «falta de elementos» para poderem fazer alguma coisa—existem em Portugal pessoas capazes de realizar uma obra moderna, vigorosa, honesta e bem orientada, que é, para o prestigio externo da nossa vida colectiva, eminentemente e urgentemente precisa.

Portugal é hoje o unico país, não só da Europa, mas do mundo, que não tem um grande organismo de propaganda externa, deixando os seus creditos entregues á paz mole duma repartição de mero expediente burocratico. Nota-se este facto absolutamente. Ha que valorisar no estrangeiro tudo quanto temos de bom. A França, a Espanha, a Alemanha, a Italia e a Inglaterra têm feito obras formidaveis de propaganda turistica. Nós adormecemos simbolicamente na Travessa da Espera, com uma repartição de Turismo cuja acção tem sido averiguadamente nula. Se aí ha funcionarios bons, sob o ponto de vista de assiduidade e seriedade—que se aproveitem. Mas que se enquadre tudo num espojeito novo, orientado e vivo.

Que não esmoreça o Sr. Ministro do Interior. Se levar pela frente o seu decreto terá feito uma obra formid vel, que o país mais tarde poderá avaliar, e cujos resultados serão decisivos na vida portuguesa.

A cartada do jogo

Agora que ha quem pretenda fechar ao jogo as salas dos grandes clubs de Lisboa —como se elas não fôssem a nossa unica expressão da vida nocturna civilizada e de turismo elegante, é preciso pôr em foco que por outro lado se permite o jogo na taverna e na rua.

O jogo é da propria condição humana. Joga-se sempre. Joga-se com toda a idade e em toda a situação.

O que é preciso é tirar o maximo partido, como fonte turistica, como expressão de grande vida, como ambiente de mundanismo e de requinte, desse facto comprovadamente inevitavel do jogo.

Que ele se rodeie de pitoresco, de brilho, de encanto para os olhos e de sugestão bela para os sentidos—eis o que é preciso.

bordados a lã, daqueles horribes bordados em tarlatana que toram a quintessencia das prendas de mãos das nossas avós e em que havia zagais cor de chocoletes e cães de gema de ovo, com reluzentes olhos de missanga.



COLEGAS



O das pistolas: —Colega banqueiro, a massa para aqui! —Colega, porquê? —Não é isto tambem uma operação de bolsa!...

HUMORISMO

Pagina Alegre por Xisto Junior

O drama da Cruz Quebrada

O meu amigo Julião é um rapaz forte e robusto—e até por isso lhe chamam Julião, porque ele, na verdade, não passa de Julio—mas não obstante é um chefe de família exemplar, unico e com porta para a esca-
cada.

A familia do Julião compõe-se muito naturalmente de mulher, gato e sogra, não havendo filhos por expressa determinação do finado. É bom que se diga, para esclarecimento do publico, que o Julião gosta da mulher, adora o gato, que se chama Charlot, e detesta a sogra, segundo a boa lei natural que já vem desde Adão, cidadão que, como é sabido, teve por sogra uma das proprias costelas, facto que, durante a sua longa existencia, lhe não permitiu poder ver as costeletas nem sequer panadas.

Tudo isto seria absolutamente desinteressante se não se desse o estranho caso de ter o pobre Julião passado, há dias, por uma grande alegria, que quasi o ia matando, com grave prejuizo da familia e da sociedade—da Sociedade Harmonia e Desejo Recreativo, de que o Julião é presidente honorario e amador dramatico effectivo. Naremos sucintamente como os acontecimentos se passaram, conforme dizem os jornais, quando nos querem impingir três columnas de prosa compacta.

Cerca das seis horas da manhã dum dos ultimos domingos, Julião fez tocar a alvorada em casa e logo que teve a mulher e a sogra a postos, munindo-se dum volumoso embulho de pasteis e duma perna de carneiro assada, avançou sobre a estação do Cais do Sodié, deixando a casa á guarda de Charlot.

O comboio rosnando mas não fumegando, porque o comboio de Cas-

cais desde que é electrico deixou de fumar, conduziu a familia Julião até á Cruz Quebrada, termo da jornada, em cuja praia se realizou o mais tremendo banquete de que os pasteis de bacalhau tem memoria, regado por um termo tão suave que a sogra do Julião em breve poz termo ao garrafão de cinco litros de que os picniqueiros se haviam munido.

Tudo fazia prever que o dia se passaria na melhor das harmonias e até ás tres horas da tarde apenas se dera uma nota discordante entre o genro e



a sogra, motivada pelo seguinte episodio: A sogra da Julião, que se encarregara da secção dos comestiveis, pretendendo acordar no genro um certo appetite, disse-lhe com infinita meiguice, reclinando-se na areia:

—Quere que ponha a perna á mostra?

Ao que Julião respondeu, furioso: —O' sua descarada, você não acha que já tem idade para ter juizo?

Com a intervenção de madame Julião, porem, tudo se esclareceu, vindo a verificar-se que se tratava dum equivoco, lamentavel mas natural, da parte do genro, porque a veneranda senhora, ao falar de perna á mostra, pretendia referir-se á de carneiro e assada, mais se provando que o appetite que ela pretendia acordar no seu honestissimo genro fôra o de enxugar mais uma pinga do termo. Julião mandou vir mais cinco litros do liquido e assim o incidente ficou liquidado.

Serenados os animos, Julião estirou-se novamente na praia, entretendo-se a pensar que em Trouville ou Biarritz o tempo se não passava melhor do que ali, em *Croix Cussée*—que era como ele traduzia Cruz Quebrada—e madame Julião voltou teimosamente a procurar conchinhas, coisa que não ha na praia da Cruz Quebrada que, como se sabe, é de construção recente e feita por «gaioleiros», com areia falsificada. Já ela ia no seu terceiro suspiro de desalento, quando gritos aflitivos partiram da garganta da sua progenitora, que se debatia desesperadamente e braço a braço com uma grande aflicção, levando repetidas vezes as mãos á garganta, como a indicar que era ali o local do sinistro.

A veneranda senhora estava, com efeito, bastante atrapalhada e aos desesperados apêlos de sua mulher, Julião, lembrando-se que o homem é o rei dos animais e que portanto não deve ser o seu tirano, interveiu na acção, perguntando com o maior desinteresse:

—Então o que é isso?
—Enguli um bilhete! — exclamou a sogra.

—Postal?
—De visita?
—Não, um bilhete do comboio—conseguiu explicar a veneranda senhora.

E como se fosse essa a sua ultima vontade, caiu inanimada sobre a areia.

Compareceram imediatamente os bombeiros da Cruz Amarela Quebrada e o Grupo de Escoteiros do Javali das Três Cabeças, que começaram por disputar a honra de prestar os primeiros socorros á infeliz senhora, acabando por se envolver em desordem, do que resultou haver feridos e serem utilizadas todas as macas que tinham comparecido.

Levada ao posto a sogra de Julião, o medico tratou de se informar a respeito do que se passara e tendo sido posto ao facto da engulidela do bilhete do comboio, o clinico diagnosticou um caso fulminante de «bilhetofagia» e, chamando Julião de parte, confidenciau-lhe:

—Trata-se dum acidente ferro-viario, embora de natureza electrica. Os de-

Entretanto, o medico, para não deixar mal a sciencia, ministrava á vitima do desastre ferro-viario um purgante energico e fazia-a conduzir lá para dentro.

Quando Julião voltou a si, fazendo a classica pergunta: «Onde estou eu?», viu já a sogra, de pé, a seu lado, com todo o ar radiante de quem julgava que o genro é que tinha espichado e mostrando o bilhete que tinha engulido.

Como no olhar pasmado do Julião o medico visse o desapontamento das grandes desilusões, curvou-se sobre ele e disse-lhe ao ouvido:

—Tenha paciencia... Ainda não foi desta que o senhor ficou orfão de sogra. Mas eu não podia adivinhar que o bilhete era de ida e volta...

XISTO JUNIOR

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Norte.

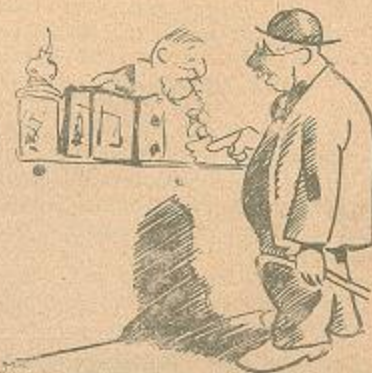


Não queira ficar assim

Use a VITELINA VITERI, torne os seus cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos.—Frasco 8\$00.

Deposito: VICENTE RIBEIRO & C.ª
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º

HABILIDADE



—Ha quinze dias que o senhor leva dez gramas de póis insecticidas. Se já tem muitos bichos, porque não leva porção maior?...
—E' preciso ir com getto para não desconflarem...

EXCESSO DE TRABALHO



—Levanta-se, mandrão, estás ha dez horas na cama...
—Aves que estás cansado!...
—Se eu toda a noite sonhei que estava a trabalhar.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Curiosidades

AS PLANTAS ADIVINHAS

O Dr. A. Rouhier publicou agora um curiosíssimo estudo intitulado «Les plantes divinatoires», que é como que a defesa da seguinte tese (acompanhada da documentação necessária): há certas plantas que podem fazer aumentar uma faculdade de conhecimento supra normal, chamada faculdade metagnómica, e cuja existência, em certos indivíduos, está perfeitamente demonstrada. Essa faculdade produtora de fenómenos de profecia e de adivinhação apresenta bastante facilidade de estudo, graças ás suas manifestações serem perfeitamente observáveis. Alguns psicólogos que se dedicam ao seu estudo perguntaram a si próprios se não seria possível, por qualquer processo psicológico ou fisiológico de laboratório, provocar a exaltação da faculdade metagnómica nos indivíduos que já a possuem em estado embrionário. O livro do Dr. Rouhier responde quasi afirmativamente a esta desconcertante e complexa interrogação a que, certamente, os nossos netos já saberão responder.

O USO DO TERMÓMETRO

Um médico italiano, num artigo publicado no *Giornale di clinica medica*, de dezembro próximo passado, chega á conclusão, depois de longas e científicas divagações, de que a temperatura do corpo humano não é a mesma, se fôr tirada nas duas axilas dum doente dos pulmões. Em caso de infecção pleural ou pulmonar unilateral, deve-se tomar a temperatura na axilla oposta ao lado doente. Esta recomendação parece-nos útil não só aos médicos como a quem sentir necessidade de a êles recorrer.

A PATRULHA DA MORTE

As autoridades chinesas usam o seguinte processo, para manter a ordem nos bairros chineses de Shangai: Um sinistro cortejo atravessa as ruas: é a patrulha da morte. Quinze ou vinte soldados, de baioneta calada, avançam devagar, dois a dois. Atraz, caminha o verdugo municipal, levando na mão uma grande espada com bainha de seda vermelha. Tudo se cala, quando a patrulha passa. Em geral, o verdugo abate uma dezena de cabeças, todos os dias. A justiça é mais do que sumária: se numa rua apparecem agitadores, ou sejam simples *coolies* ou estudantes, distribuindo folhas de propaganda ou tratando de intimidar os comerciantes, logo é chamada a patrulha da morte. Enquanto os soldados contem a multidão, o verdugo adianta-se e desembainha a espada. O culpado é prêso e obrigado a ajoelhar-se. Um instante depois, a sua cabeça, cravada na ponta duma lança, é exposta á multidão aterrorizada.

Grandes Armazens Berroca

Moveis, estofos, decorações, pianos e outros artigos.
Secção especial de antiguidades
31, R. da Atalaia, 35 Telef.: T. 1095

O maior "film" francês

PEZAR das críticas que já lhe têm sido dirigidas, o *film* «Napoleão», de Abel Gance, é, sem dúvida, a obra-prima da cinematografia francesa. Pela concepção e pela técnica moderna das suas produções, Abel Gance tem sido alvo da mais apaixonada discussão. Mas o tempo vai-se encarregando de lhe fazer justiça. O grande *metteur en scène* cinematográfico é hoje olhado como um verdadeiro precursor dos mais arrojos americanos, e a consideração que merece o seu valor artístico comprova-se pelo simples facto de o próprio governo francês lhe ter facilitado muito a realização da sua última obra e de lhe ser cedido o teatro da Opera para a primeira exhibição dessa mesma obra. Abel Gance nunca acedeu a realizar «scenários» de que ele próprio não fosse o autor; a sua grande imaginação só se contenta com os seus próprios recursos.

Há anos que Abel Gance sonhava pôr em fita a gigantesca epopéa napoleónica. Victor Hugo—que, com Eschilo e Shakespeare constitui a trindade dos seus maiores ídolos literários—soubera reproduzir liricamente o deslumbrante sonho da Águia. Porque não saberia êle dar-lhe a mais moderna expressão visual, tirando o máximo partido de toda a teatralidade que rodeou o «Homem do Destino?»

Como num só «film» não caberia tão formidável motivo, Abel Gance resolveu produzir seis fitas pelo menos, onde reviva, desde a Córsega até Santa Helena, toda a biografia de Napoleão, o que é dizer toda a história da França através da Revolução, Directório, Consulado, Império e Restauração. Uma vaga intriga sentimental, pondo em scena personagens fictícios e relegados para o segundo plano, imprime conexão aos seis episódios. E' apenas um desses episódios—o *film* que vai desde o nascimento de Napoleão até á sua partida para a campanha de Itália, em 1796—que já foi realizado e vai ser exhibido no teatro da Opera de Paris.

Para a sua grande empreza, Gance não encontrou capitais em França, tendo de recorrer a um *consortium* internacional, mas europeu. Os primeiros metros de fita foram feitos em Fevereiro de 1925, em Briançon, nos Alpes Superiores, então cobertos de neve, e aproveitados para reproduzir a estada do jovem Bonaparte na escola de Brienne, onde precisamente já nada resta do velho burgo de Napoleão.

No «studio» de Billancourt, foram depois feitas as scenas de interiores e as primeiras scenas da Revolução. Em Abril e Maio, filmaram-se as scenas passadas na Corsega, no verdadeiro cenário onde decorreu a infância do imperador. Mas no verão de 1925, a principal empresa estrangeira que fornecera capitais para a fita faltou aos seus compromissos, no momento em que já se tinham despendido seis milhões de francos, e ainda eram precisos doze milhões. Abel Gance julgou que o «film» jamais seria terminado mas, felizmente, uma empresa genuinamente francesa—de que fazia parte o grande industrial Charles Pathé—trouxe-lhe o necessário auxilio. Os trabalhos retomaram o seu curso em Novembro de 1925. Depois, a *troupe* foi para Toulon—primavera de 1926—para filmar dois dos mais notáveis passos da fita: o cerco da cidade, em 1793, e a partida para a campanha da Itália, em 1796. Em Outubro de 1926 estava terminado o *film*. Haviám sido utilizados 250.500 metros de película, de que só foram aproveitados 15.000, para dividir em seis partes. Na Opera só será projectada a parte melhor da fita, ou seja, 4.000 metros.

Abel Gance afasta-se um pouco da verdade histórica, precisamente para poder fazer com que Napoleão assista, e com êle os espectadores do *film*, ás grandes horas revolucionárias e ás sessões do «Club des Cordeliers», onde ouve Danton cantar a Marselhesa e felicitá Rouget de Lisle.

Para as scenas filmadas em Toulon o general Nogués, comandante dessa praça militar, pôs á disposição de Abel Gance a numerosa figuração de que este necessitava, e foi fornecida pela guarnição da praça.

A marcha do exercito francês de Napoleão é acompanhada pela sombra duma águia gigantesca, que se projecta no solo; trata-se dum «papagaio» de papel, com a forma duma águia, que se deita no ar e produz a simbólica sombra.

A cidade de Toulon, com o seu belo panorama, serviu de cenário verdadeiro para muitos passos da fita, e no molhe do velho porto foram colocadas umas velhas baterias com artilheiros vestidos á época. Mas a batalha teve que ser reconstruída no «studio». Durante quinze dias, os grandes *ateliers* de Billancourt apresentaram aspectos de espantosa confusão, com o chão coberto de manequins, simulando cadavres de homens e de cavalos. O assalto final fôra feito durante uma formidável tempestade. Um engenhoso sistema de canalização alimentava uma fila de gigantescos ratos de regador, que deitavam sobre os combatentes verdadeiras trombas marítimas. Grandes porções de sal grosso, arremessadas contra a agua, dão a perfeita illusão do granizo tombando. Quanto ás rajadas de vento, foram conseguidas por meio de hélices de aviões girando em pleno ar, numa barulhada ensurdecadora. Dos lados, enormes projectores iluminavam o campo de batalha, enquadrado pelos operadores com os seus aparelhos colocados sobre altas plataformas.

Foi uma firma americana que adquiriu a propriedade de exhibição, para todo o mundo, do «film» *Napoleão*. O actor Alberto Dieudonné faz o papel do grande imperador, com quem apresenta uma flagrante semelhança.

Para esta fita, Abel Gance inventou ainda um novo processo de projecção, a que está reservado o mais brilhante êxito.

A MAIOR GARE DO MUNDO

E' a gare de Juvisy, comum três das mais importantes companhias de caminho de ferro francesas: a P. L. (Paris-Orléans), a P. L. M. (Paris-Lyon-Méditerranée) e a Grande Cintura.

Mede mais de 3 quilómetros comprimento e contem 80 vias, onde circulam 800 comboios por dia. Cento e tantos agulheiros encarregados de dirigir êsses comboios, que se seguem e se cruzam e entrecruzam, merecem uma menção especial. O seu trabalho realizado metodicamente, firmemente sem um instante de desleixo, é formidável.

OS ANAMITAS E OS DENTES

Os anamitas tinham, dentes, de uma curiosa maneira de conservar os seus dentes intactos: isolavam-nos, cobrindo-os de certa substancia.

Parece que este costume tende, cada vez mais, a desaparecer, devido á infiltração das idéas europeas; no entanto, ainda se observa em certas regiões.

A operação pratica-se sobre dentes preparados com antecedência. Durante três dias, são limpos com tal energia que, segundo parece, o esmalte não resiste. Depois applica-se-lhes a primeira camada. Esta é feita de *cantharides*, que é uma espécie de cera fornecida por certos formigueiros do Alto Tonkin. Triturada com sumo de limão, dá uma determinada massa, com que se fazem quatro ou cinco applicações. Alguns dias depois da última, faz-se a operação definitiva com uma segunda massa, que se fabrica esmagando as sementes de algumas cabaças, alumen, um colorante e casca de romãzeira. Durante quinze dias, ao deitar, é necessário applicar a segunda camada. Depois fixa-se tudo com resina de coco. Durante todo o tempo deste tratamento dentário é de rigor a dieta de alimentos sólidos.

Quando tudo está terminado, não se tem já a recear a terrível carie. Os dentes estão protegidos, pelo menos durante quinze anos. Para evitar surpresas a quem pretenda tratar os seus dentes segundo a receita dos anamitas, devemos, porém, prevenir que, depois da primeira camada, os dentes ficam vermelhos, e depois da segunda, pretos... De resto, os dentes pretos são a supremacia elegância no Annam!



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

Epoca de verão

A crise porque os trabalhadores de teatro passaram no inverno agrava-se agora na epoca sempre difficil do verão. Os organismos teatraes, marcados em volta de si um descredito, cujo lamentavel e inevitavel reflexo se faz sentir immediatamente e principalmente na classe dos actores.

A que é devido esse desprestigio? A forma porque, atrabiliariamente, sem nexos e sem criterio, se esbanjaram rios de dinheiro. Lembrem-se do Conde de Lucena com o sr. Conde e Silva, de tragica memoria?

Lembram-se dos caudais postos em peito de nababo, sem rei nem roque, dos negocios armados no ar, sem reperitorio e sem direcção?

Pois ahí teem o resultado de toda a feira de vaidades, em que, com a infantil preocupação do nome no cartaz, da furia exotico-nista, das «peças para um artista», de toda essa «dem-dee» convenção do velho teatro — nada mais conseguiram do que a desesperada situação dos artistas sem trabalho!

Não já os inaptos, mas mesmo artistas de merito se veem reduzidos a pouco menos que a miseria.

Os maiores abalam. Artistas da categoria de Palmira Bastos estão na iminencia da falta de trabalho, Ester Leão, guisa a sua «condição».

Alves da Cunha vai para a provincia. Amelia Rey Colaço anda pelas ilhas. Lisboa já não dá para sustentar dois teatros.

As proprias empresas que se propõem atravessar o verão reduziram os vencimentos, como a de Erico Braga.

Eis a situação. Há pois que baralhar e dar cartas outra vez. Aqueles que a profissão não sustenta, que a abandonem.

Mas, aqueles que por ela tem de viver, que encontrem forma de se manter com dignidade.

Para isso é preciso modificar os processos de trabalho.

Fé, unidade de pensamento e execução, conjunctos afinados, peças feitas, sem hipocrisias literarias, para o publico português, para a sua pouca cultura, nem para o seu fino instincto e para o seu sentimento penetrante das coisas de arte.

Um pouco de honestidade e... isto é muito pequeno mas ha lugar para todos!

X.

Enxofre Italiano

Tipo FLORISTELLA SUPER em sacos de 50 quilos, de algodão.

Tipo VENTILATO EXTRA em sacos de 50 quilos, de algodão.

Vendem posto sobre vagão, e aceitam desde já encomendas, garantindo a qualidade conforme amostra.

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L.ª DA

RUA 24 DE JULHO, 148
RUA DO COMERCIO, 1 A 6

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O par dos cinemas lisboetas. Últimos filmes, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.



Ontem e hoje

Serenamente. Até hoje tem-se dito muito mal do teatro português, culpando o presente para prestigio do passado. A comparação resulta falsa porque entre um e outro não ha traço de concordancia, onde seja possível marcar um grafico de evolução ou de regresso. O teatro português triunfou um dia com o romantismo — apparencia duma falsa arte que buscava no fundo eloquente e sentimental da raça um ponto de apoio que a tradição e o tempo, comprometiam irremediavelmente. Meia duzia de artistas não salva um teatro. Quando muito, uma epoca. A verdade é que decorrido esse periodo, brilhante e superficial, em que houve mestres, mas não houve discipulos, o teatro português sem progressão normal nem crescimento logico, desconhecendo escolas, que saiam umas das outras como aneis da mesma cadeia, encontrou-se desamparado e perdido, atrazado e fragil perante as tendencias modernistas que em vão tentava compreender.

Tudo o que até então se fizera em arte: naturalismo, realismo, psicologia, fantasia, lirismo, passara despercebido entre nós.

Como havemos, pois, dum dia para o outro, paralelizar a nossa sensibilidade na psico-analise, no intimismo, no simbolismo, se os elementos de estudo e de preparação escasseiam ou não existem? O teatro não se improvisa. E' um ordenamento continuo de valores, de elementos e de analizes, que o tempo aperfeiçoa e integra dentro da alma das multidões, sem que elas se apercebam.

Quando se pretende encaminha-las, revoltam-se, julgando-se mystificadas. Ha que as seguir, insinuando-lhes, pouco a pouco, a verdade nova que, excessivamente nua, pode ser lapidada por impudica. O mesmo se dá com os nossos artistas. Não é dum momento para o outro que podem substituir a exteriorização pela interiorização. O trabalho de cultura é grande, profundo e universal de ideias. Uma boa voz pode traduzir um sentimento, mas não pode acuzar uma alma. Uma attitude pode criar uma imagem, mas não dá a sombra em que ela se move, e, muitas vezes, nada se projecta. E' que o teatro de hoje não tem linhas definidas, é feito de prolongamentos, de desdobramentos, de sinistros de apparencia e de verdade. Intellectualizou-se. A fraze é menos nitida. Adivinha, suspende, espera, distancia. O autor já não desempenha a comedia, nem o drama — mas a razão obscura da vida, que se combina sem formulas, inquieta do seu destino e do seu esforço — instavel, mobil, e infinita.

Afirmar-se, pois, que a decadencia do nosso teatro pertence ao presente, é um erro. O seu esforço tem sido titanico. E' possível que se tivesse desdoidado demasiadamente a corda para despedir a aljava, até a extrema que deviamos ocupar. A decadencia, porem, vem de longe, do passado romantico, fora de tempo, isolado das escolas, que lá fora se iniciaram, conduzindo no teatro de hoje, que amanhã seria o de ontem. Perdemos muito tempo, esquecemo-nos que a evolução é gradual. Não salta. A anotação é tão perigosa que eu não sei já — se é o vacuo que nos rodeia ou a morte que nos chama...

A:RTUR PORTELA

Artistas novos



Seixas Pereira, artista novo e prestimoso elemento da Companhia Lucilla Simões que realisa a sua festa com um programa admiravel, no Trindade no proximo dia 26, o qual alem de incluir a reprise sensacional da peça «O Homem das cinco horas», tem a colaboração de Lucilla, Hortense Luz, Leopoldo Frois e Estevão Amarante, na revista «Girasol»

Gillettise as suas barbas

Milhões de homens Gillette barbeiam diariamente todo mundo. Com o Gillette rasura-se num momento e barba, nada mais, ficando a rosto mais como um velho.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependências, de forma a torna-la a preferida do publico.

Nacional S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Variedades

Nacional A primeira scena dramatica portuguesa, á frente da qual está Alves da Cunha «o grande actor», e o primeiro «o grande actor». Adesão abracos, a comedia cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, esta cultissima e moçarra, acompanhando no Sacramento e Arajão Luna, mestre ensaiador. A sala fôrte repertorio variado. Actualmente «A arte civil».

S. Luiz A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nobilissimo primeiro «meltentencimento» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritone brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal. Bairro Alto soberba montagem.

Politeama A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de lida Sidiá e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa de arrojado e antigo empresario Luiz Pereira. Actualmente: «Os filhos».

Trindade A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura de mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: «Os dois maridos da senhora».

Avenida Companhia Saneblé-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto com elementos como Luiza Saneblé, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «do» persistente do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão».

Apolo Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo de aventuras. Soberbo desempenho de Palmira Bastos, Fernando Varca, Henrique de Albuquerque e Clemente Pinto, na celebre peça «Entre os lobos».

Eden O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Actualmente: «O Rei dos Juocos».

Variedades Companhia Maria Matos-Mendonça do Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «journées» triunfaes a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatra elegante do Parque Mayer. Actualmente «Sagrada familia».

CANDEIROS EM TODOS OS ESTILOS
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS

146, R. AUGUSTA, 148
TELEF.: C. 1646 — LISBOA

Ramiro Pinto & C.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

STOP!

As lampadas dos grupos electrogeneos apagaram-se, o rolar cadenciado das manivelas dos aparelhos deixou de existir, e os mil ruidos do studio cresceram, tomaram nova vida, um outro fulgor...

Os carpinteiros batiam desesperadamente com os martelos ajustando as peças dum scenario—uma sala medieva onde por certo o famoso rei Harold não desdenharia passear suas torvas melancolias, um violino gemeu, ergueuse, cresceu num adagio de Gluck, as vozes do «metteur-en-scène», do «regisseur», dos operadores cruzavam-se em ordens dissonantes e imperiosas, em diferentes recantos do mesmo studio outras lampadas se acenderam, o rouquejar dos aparelhos voltou de novo, um silvo estridente passou cortando o ar, um leão do Atlas rugiu poderoso, ameaçador...

Acabava de se filmar um primeiro plano do «Filho do Cheik», segundo o argumento de Hall, e, ao comando de «alto», um arabe de feições delicadas e sedutoras descolou os labios dos da companheira, que vestia ao costume das bailarinas de Marrocos.

Esta era a encantadora Vilma Banky. Quanto ao jovem arabe chamava-se Rudolpho Valentino, mas entre a população agitada dos studios era mais conhecido pelo diminutivo de Rudy.

A um impulso violento a porta envidraçada abriu-se. E Rudolpho Valentino recebeu na face a caricia doce daquela tarde de primavera...

Mas que adorável tarde!... O céu, dum azul de cobalto, limpo de nuvens, definia nitidamente os contornos dos arranha-céus, as palmeiras e os rodoendros dos poof-gardens... As casas agigantadas, as avenidas longas, e as ruas buliçosas respiravam uma vida estranha, uma energia que fosse simultaneamente de luz e de força.

E uma brisa impregnada de odores marítimos perpassava serena, suave...

Valentino desceu a um e um os degraus da vasta escadaria do studio e ficou-se encostado ao capot da limousine, abstracto, embevecido, como que do mundo alheado... E por uma estranha vontade do seu eu, á ordem do seu sub-consciente, o pensamento deslizou-lhe celere através do lago nem sempre tranquilo do passado.

Fôra num dia como aquele que Va-

CORAGEM



—Então deixaste de fumar... Foi preciso muita energia hein?
—Tu sabes lá... como a minha mulher é energética...

Rudy

Novela originalissima pela sua localisação em grande studio cinematografico. Novidade e pitoresco.

lentino chegara ao continente americano... Já tinha ficado na esteira prateada do paquete a mancha vermelha do farol flutuante de Ambrose. E o Sol que cabreolava nas ondas do Oceano andava agora saltitando nas colinas verdes do Sandg Hook...

Encostado á amurada, perdido na confusão febricitante dos seus compatriotas emigrantes como ele, Valentino não pôde extasiar-se ante o espectáculo supremo de New York erguida á conquista do firmamento, a floresta movente que pejava o Hudson, a bizarra policromia dos bairros de East River, a magnificente potencia da Liberdade de fanal erguido a derramar luz por esse mundo fóra...

Muito longe o seu pensamento andava vivendo... Tinha corrido sobre os mares e na terra longinqua da patria se fôra albergar... E Valentino não pode sustentar uma lagrima... Depois, dos seus olhos estranhos e dolentes outras se soltaram...

E' que Rudy se lembrara de que era ainda mais pobre de amor do que de dinheiro.

A limousine deslisou serena, obediente... Depois, ao longo das avenidas lança-se em vertiginosa correria. E até á sua vila Rudolpho Valentino só soube acelerar... Nada o deteve. Nem o apito do policia de transito que do cimo da sua torre o invejivou, nem o sorriso amigo dessa atraente simpatia de Douglas Fairbanks, nem tambem a pequena derrapage que entre a 2.^a rua e a



... só soube acelerar ...

4.^a avenida o torpedo azul de Norma Shearer sofreu...

Rudy correu á biblioteca, não deixando cair a vista sequer sobre a secretaria que uma aluvião de correspon-

dencia cobria... E era toda de mulheres, de mulheres das quatro partes do mundo, de mulheres a quem os seus olhos belos, a sua face de efebo, o seu corpo de Apolo conseguira perturbar...

Rudy correu á biblioteca. E aí, num contador que se abrigava sob um retrato seu, feito quando filmava a novela de Ibañez, dum pequeno segredo tirou



Duas linhas ...

uma moldura—um retrato de mulher. E deteve-se a mirá-lo profundamente.

Nunca em scena alguma dos seus films Rudolpho Valentino soube encontrar um ar tão apaixonado... Os seus olhos encheram-se duma vida estranha, dum fulgor imenso, sorriram, tocaram-se ao de leve duma poalha de tristeza, despediram um longo olhar... E os seus labios entreabriram-se, resaram...

«Mia bambina...» Ante aquele retrato, que lhe evocava o grande amor da sua vida, toda a sua gloria, o seu renome, o seu orgulho de homem mais amado do mundo, morria... E Rudy estava vendo aquela figurinha de mulher que o retrato representava...

Um anjo doce e lindo, uma virgem de Corregio de grandes olhos humidos e melancolisados, de labios doces e quasi diafanos... E de toda aquela pureza, de todo aquele encanto, que restava?... Um retrato que ele roubara uma noite, como um ladrão qualquer, e um corpinho de anjo dormindo num canto dum cemiterio ao luar...

Onde estavam as horas doces do seu amor no jardim Boboli, nas colinas cobertas de oliveiras e ciprestes que o Arno cantando banha, sob os frescos de Ghirlandajo ou as figurinhas candidas de Fra Angelico?... Onde estavam as suas noites de febre e paixão em Florença, sómente cortadas pelas

horas que graves e frias caíam de Santa-Maria-Novella?

Fôra-se tudo... e hoje restava um homem belo, duma beleza impressionante, um homem que nunca conseguira ver passar de botão a rosa branca do seu amor. E por ironia do destino esse homem passava a maior parte da sua vida a fingir que amava...

Santa Monica é uma praiasita perto de Hollywood. Coffee Pot é um dancing de Santa-Monica.

Ora nessa mesma noite, um jazz americano—e está definido o jazz, enchia o dancing de gritos alacres e estridulos... E nas suas mezinhas, batendo nos pratos com martelos de madeira, uma assistencia endiabrada e feliz ia se lançando nas delicias proibidas dos cock tails doces a que juntavam extra dry.

Numa mesa, porem, uma mulher linda e loura mantinha-se apatica, indolentemente observando toda aquella agitação demente. E' miss B. G., filha dum potentado financeiro de New York. E só desfaz o alheamento em que vive quando um steward lhe entrega com um bilhete um carissimo ramo de rosas...

Então miss B. esquece o cock-tail, o cigarro que na sua boquilha sopra o marmore em volutas de fumo se vai desfazendo. Nervosa, desfaz o sobre. Duas linhas... Lê:

«Tantas rosas quantos beijos lhe daria, se pudesse ser aquilo que já fui.»

RUDY

MARIO DE GAULA

Perfumaria Ideal

Productos de beleza dos melhores especialistas. Perfumes a péso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS E CRIANÇAS

LISBOA

FILIAL NO PORTO—R. Sá da Bandeira, 21

PULVERISADORES

Torpillas e seus pertences, Pulverisadores BILA para tratamento dos cacauzeiros, Armas de metais, Louça de esmalte, etc.—Pedidos a

J. S. MOUTELA

Rua da Palma, 284-A — LISBOA

ESQUECIMENTO



—O' diabo, já não sei se a minha mulher me põe um metro de setas com a largura de meio metro ou meio metro com a largura de um metro!...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

O crime do "Má-Sorte,"

Página emocionante do jorna-
lista Mario Salgueiro, onde pas-
sa um caso vivido e interes-
sante.

um rebate. E, interrogando a irmã, que se debulhou em lagrimas, soube que, abusando dela, a abandonara talvez para sempre.

O seu primeiro impulso foi estran- gular-a. Mas poupou-a. E todo o seu odio foi para o miseravel que assim procedera.

Não se deu ao trabalho de procura- lo. Fingindo não se importar ou desconhecer o que se passara, conti- nuou como até ali trabalhando com afinco, indiferente aos murmúrios que



... o fêz cair de borco com uma paulada.

já se ouviam pela aldeia Seria a ma- neira de atra-lo, certo de que o ban- dido não se libertaria facilmente do amor que o dominava.

Ah! voltaria, mais cedo ou mais tar- de!

E voltou, de facto.

Deixou-o em paz, fazendo-lhe ga- nhar confiança. Até que uma tarde, ao anoitecer, vendo o sair da cabana, onde se entretivera com sua irmã, saltou lhe á frente e, sem uma palavra de reci- minação, os olhos a luzir de ferocida- de, o fêz cair de borco com uma pau- lada.

Debruçou-se, então, para ele e, de- pois de prender-lhe os movimentos e de manifestar-lhe todo o seu odio, abriu uma faca de mato e, serenamen- te, tranquilamente, cortou lhe a perna direita pelo joelho.

Aos gritos do amputado, acudiu a irmã que, espavorida, fugiu, alarmando a povoação. E, enquanto uns socorriam o ferido, outros prendiam o algoz e entregavam-o á justiça.

Passou-me pelo corpo um frio enor- me. O *Má-Sorte* contara o tremendo episodio com a maior naturalidade.

E foi só depois de alguns segundos de silencio, que lhe perguntei:

—Mas não teria sido melhor ma- ta-lo?

O *Má-Sorte* riu, numa casquinada, fria como o gume da sua navalha. E respondeu, numa voz velada e com um gesto vago:

—Não. Se o matasse, acabava. E assim, sem a perna, lembra-se toda a vida do que fêz a minha irmã...

MARIO SALGUEIRO

Bento, Silva, Pinto, L. da

Mobliias, côfres, pianos, ourivesaria, estande, folha, sucatas, etc.

ESTABELECIAMENTOS E ARMAZEM

126, 128, Rua Alves Correia, 141, 147

LISBOA

TELEFONE 3256-N

SECÇÃO DE OURIVESARIA N.º 141

Teresa LEITÃO de BARROS

lhe repetiu o aviso, falando nas proe- zas do cantador e mostrando-lhe os perigos que corria.

O homem não era digno dela e já uns e outros o tinham censurado por consentir em tão estranha ligação.

Mas ela tinha sempre maneiras de o convencer, deixando-o tranquilo quanto ás consequencias do namoro.

E ao mesmo tempo que a rapariga aumentava em formosura, mais o to- cador a enfeitava com as suas canti- gas:

Tua boca cheia a cravos,
Cheira a cravos que regala.
A que cheirárá, beijando,
Se cheira assim, quando fala!

No entanto, o *Má-Sorte* sossegou um pouco. Arrastado, talvez, pela sua paixão, o cantador mudara de vida e de- rase a trabalhar, no proposito de mere- cer a sua namorada. E um dia ajustou- se o casamento, passando a ser rece- bido em casa como pessoa de familia.

Pouco durou o sonho. E veio a sa- ber-se tudo. A rapariga começou de entristecer e como o cantador tivesse desaparecido da terra, o *Má-Sorte* teve

digna de figurar na nossa historia literaria co- mo a sua homónima, em nossa historia polí- tica.

Não há sombra de ironia nestas palavras. Filipa de Vilhena—a de alguns sonetos e das «Laudes» de S. Francisco de Assis—é uma verdadeira poetisa, uma poet sa que entra com o pé direito e, sem se deter nos lugares secundários—o das estrelas de segunda grandeza, o das estreias auspiciosas, o das prometedoras mocidades, vai logo enfileirar lado a lado com as primeiras, e mesmo—sem favor—um pouco á frente de certos astros já exaustos de arde- rem.

Não conheço Filipa de Vilhena, mas ia ju- rar que é demasiado inteligente para não ter a absoluta compreensão do seu valor. Por isso, ser-lhe-há indifferente a opinião dos outros que, a não lhe reconhecerem esse valor, ape- nas se inferiorizam. Palavras de incitamen- to, tambem não as necessitará. E porque não encontro agora expressões de sufficiente aplauso, tomo a liberdade de apenas lhe dizer, fami- liarmente: Li três vezes o seu livro, e puz algumas cruzes pretas nos sonetos mortos, e puz inumeros sinais azuis e vermelhos, que parecem flôres de primavera, no: sonetos vi- vos, que nunca mais me esquecerem. Peço-lhe que continue a publicar todos os seus versos, até chegar ao momento em que um livro seu me apareça como um jardim esplendido, todo azul e vermelho, todo florido de eterna graça, com versos unidos aos molhos, em grandes ramos que a memoria só muito tarde irá des- manchando....

muito e que passou a ser, no ermo tragico da sua vida, como uma estrela luzindo alto num ceu enevoado. Quiz- lhe com um amor de pai, enlevado nos seus encantos, satisfazendo lhe todas as vontades, trabalhando para ela com um afinco que não conhecia hesitações nem cançassos.

Era a rainha do seu lar pobre e hu- milde e a mais linda moça do lugar.

Um dia soube que a irmã se deixa- ra dominar por uma forte paixão, dan- do ouvidos ás palavras dum valdevi- nos qualquer, com fama de traiçoeiro, mas conhecido naquelas redondezas como um dos melhores tocadores de viola, turuna de grande nome, obrando prodigios com as cordas do instru- mento e prendendo os corações ao fio da sua voz cheia e melodiosa.

Não recebeu com agrado a noticia. E, á noite, recolhendo a casa, avisou a irmã. Esta recebeu o aviso com humil- dade, mas sossegou-o. Que não tivesse medo. Gostava dêle, era verdade, mas logo que visse que não lhe servia, de- xa-lo-ia sem vacilar.

Mais duma vez, em dias sucessivos,



RUINAS—romance de Helena de Aragão.

Numa prosa desprezenciosa mas cuidada, a senhora D. Helena de Aragão compôs um triste romance de amor, em nada vencido por tantas obras estrangeiras que sofredamente devo- ramos. A factura dum romance como o intitula- do «Ruinas» implica certos requisitos de imaginação e de «a vontade» literario, que nem sempre se encontram tão felizmente reunidos como na obra a que me refiro. A maneira de graduar a acção, sem bruscas transições, sem desnivelamentos desconcertantes, poderá não ter canho moderno, mas está dentro da ma- neira mais gloriosamente tradicional. Os caractes dos personagens estão, desde as primei- ras paginas, tão nitidas e habilmente definidos, que não seria temerario aconselhar a senhora D. Helena de Aragão a tentar outra forma li- teraria—o teatro—onde as suas qualidades de observação e a sua penetração psicologica en- contrariam ensejo para mais brilhantemente se manifestarem.

«CADA UM...»—versos de Fi- lipa de Vilhena.

Admiro-me que tão despercebida tenha pas- sado ante as tubas da Fama por demais pro- digas de sônoras glorificações a estreia litera- ria de Filipa de Vilhena, que me parece tão

CONHECI O em Fernando Noronha, a pequena e formosa ilha da costa brasileira que serve de presidio a grande numero de condenados. Era alto, esguio, de pe- le morena, queimada pe- lo sol e endurecida pelos temporais e pelo mar, luzindo-lhe no rosto uns olhos negros e vivos em que havia, por vezes, relampagos estranhos de crueldade.

Chamavam-lhe o *Má-Sorte*, em vir- tude do azar que sempre o perseguira, labutando heroicamente a vida inteira, sem que conseguisse levantar cabeça.

Era ele quem, nos poucos dias em que ali me demorei, me fazia os reca- dos e me lavava a roupa, cumprindo honrada e pontualmente os seus de- veres e mostrando-se a toda a hora e em todos os actos o mais leal e fiel dos servidores.

A principio não reparei nêle, achando-o igual aos outros que ali se en- contravam e com os quais se topava a cada passo em toda a ilha. Mas as suas maneiras agradaveis, o seu ar de humildade, a preocupação sempre man- ifestada de cumprir o melhor que po- dia e sabia as minhas ordens, levou-me a interessar-me por ele, a interroga-lo e a saber dos motivos da sua prisão.

O *Má-Sorte* esquivava-se a respon- der-me:

—Coisas da vida! A gente quando nasce já tem o seu destino talhado. Tinha de ser, e foi mesmo!...

Um dia, porém, confessei tudo. Es- tavamos a bordo e a tarde caía lenta, numa sonolencia pesada, cheia de tris- teza e de saudade. A ilha envolvia-se nas primeiras sombras e o mar queda- va-se exausto, ouvindo-se apenas o ruido monotonico do rolo ao desfazer- se na praia.

E o *Má-Sorte* contou:

Vivia no interior, onde tinha a sua familia e a sua cabana. Vida má, ao sol escaldante do sertão, um ano e ou- tro, arrastando-se na terra como um animal daninho; vida desgraçada de cruel e barbara servidão, como um escravo ou uma besta de carga. A exist- encia corria lhe triste, sem uma alegria



Chamavam-lhe o «Má-Sorte»...

a iluminar-lha, sem um affecto a ame- nisar-lhe as agruras do caminho.

Mortos os pais, ficara-lhe uma irmã mais nova, formosa cabocla de olhos negros e profundos, a quem queria

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 26 de Abr l

Age 7... — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-

CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBAO TODA VÊ



VARIA

MOINHO DE
PACIENCIA

Antiga
Casa Raphael

SUCESSOR

Eduardo Ribeiro Lopes

R. DA BETESGA, 100 E 101



ANTIGO
FORNECEDOR
DE
HOTEIS

RESTAURANTS
CASAS
DE PASTO E
QUARTEIS.

FABRICA E MANIPULAÇÃO DE CARNES
E ENCHIDOS

R. DOS VINAGRES, 12 E 14

ESTABELECIMENTOS MODELARES

Fogões Escoceses

(MODELO «SULTANA»)

CENTENAS
A FUNCIONAR
EM
PORTUGAL



TAMBEM
HA OUTROS
MODELOS
EM DEPOSITO

Agente: Herbert Cassels J.ºr, R. 24 de Julho, 56-Lisboa. Telef. C. 3256

OS MELHORES

BIFES
A MELHOR
CERVEJA
O MELHOR SALÃO DE
BILHARES

O MELHOR BUFETE

SÓ NO

CAFÉ GELO

FUNERAES
SIMPLES
E LUXUOSOS
SERVIÇO
PERMANENTE
MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO
131. RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

N.º 8
4.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA

SOB A DIRECÇÃO DE

CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (da T. E.)

24
ABRIL
1927



SR. CUSTODIO FERREIRA LOPES, "AFRICANO",
detentor do título de «Campeão dos Decifradores»
da 3.ª Serie.



SR. JAIME MENDES, "JAMENGAL", detentor do
título de «Campeão dos Produtores» da 3.ª Serie.

Apuramento do n.º 3 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ORDIGUES	
N.º 1	17 Votos

N.º 6, de EURISTO 2 votos
N.º 12, de VASCO DIAS 1 voto

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DRO- PÉ, HOFFE, LHALHA, REI FERA, ORLANDO, O-PALADINO, VASCO DIAS, (todos da T. E.); LILI, MAMEGO, DITE.
Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

BAGULHO, BIXO KNHOTO, CAMARÃO, D. SIMPATICO, EURISTO, LORD DA NOZES, ORDIGUES (9), VIRIATO SIMÕES (7).
--

OUTROS DECIFRADORES

AULEDO (2), DOIS PRINCIPIANTES, POFORO-
NOFF, RENANDOP (1).

DECIFRAÇÕES

1-ADVERSARIO, 2-camarada, 3-mã-rôia, 4-arguido,
5-pégedas, 6-travado, 7-pateado, 8-mordexi, 9-
afarmalhado, 10-strematado, 11-amofinado, 12-embal-
lado, 13-chagador.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 8, de LORD DA NOZES com 12 decifradores.

DEDICATORIAS

D. SIMPATICO e MAMEGO decifram tudo quanto
lhes era dedicado.

LOGOGRIFO

[Aos campeões Bagulho e Euristo e as do charadismo
Lusitano, com a devida vénia.]

1 Nasceu Domingo, O Mundo estava feio
E o Padre Eterno repousava agora
Vendo um Trabalho de assombrar, perfeito, - 8-0
-4-7-9-10
Sorrindo, alegre, ao ver nascer a Aurora!

Extenuado, adormecido, contente...
Rompa o Dia por detrás da serra,
E o Sol, a fita luminosa e ardente, -5-2-6-4-1-3
Lá das alturas, dava luz á Terra!

Assim quedava Deus, talvez sonhando,
Quando um ruído, enorme gritaria
Atravessou o e-paça, perturbando
A paz no canto, em que o Senhor dormia. -6-2
-3-4-1-9
Sobressaltado, olhou e viu então
A turbamulta, aos brados, aclamar
BAGULHO e EURISTO!... E deu por fim razão
-10-3-7-9-5-3
A tão justissimo disparatar...

Lisboa CHARADA EM VERBO UTS.

2 E' posto a ferros o maior ladrão.
O que roubou, matando por prazer;
E' preso aquele que p'ra não morrer
De fome, algumas vezes rebita "um" pão.-2

Se algum, com zelo, mata sem piixão, -1
E' condemnado ainda, criste ser
Sabendo eternamente p'ra mulher
A quem em dia deu o coração.

Acorrentado fica o desgraçado
Que sem coragem p'ra vencer na vida
Leva a sofrer, chorando a Mocidade...

Quem praticou o mal é castigado,
Só tu, a quem eu devo a paz perdida
Vives a rir, gozando a Liberdade!...

Lisboa JAMENGAL
CHARADAS EM FRASE

[Apelando para a sapientia do Dr. Fantasma]

3 O' Dr.! A minha prima faz carinhos a um «bus-
fero» a quem eu não posso partir a cara, o que é pena...
O que hei-de eu fazer para ser acariciado em vez de
le?...-3-1

Lisboa BIXO KNHOTO
[Ao Hotel]

4 Se você me procura persuadir de que é bom deci-
frador tenho pena porque em já o tinha dado a enten-
der.-3-1

Lisboa VASCO DIAS
(Agradecendo a conselheira Mariana a sua Denotar).

5 A agradável confeitira, como se entusiasma com a
minha companhia e se manifesta de acordo com ela,
mostra estar animada do mesmo desejo moralizador...
-4-1.

Lisboa VISCONDE DA RELVA
(Aos eleitores do Quadro de Distinção).

6 Existe muita parcialidade onde eu nunca a tinha
conjecturado.-2-1

Lisboa DITE

7 Pedi socorro quando vi o sol a esconder-se no ho-
rizonte, mas ninguém acudiu aos meus muros gritos.-2-1

Lisboa MAMEGO

8 Nada vexa um homem que não tem pena de ser
p'vina.-3-1

Lisboa GABI

9 Aqui é medonho o clima quando está para tro-
var.-2-1

Lisboa AVIARDO

10 Como chegou tarde, come com s'f-eguidão mos-
trando á sua pena em ver o irmão já embustado.-2-1

Lisboa DROPÉ

11 E' sempre mau, o futuro de um aventureiro.-3-1

Lisboa AFRICANO

12 E's tão canilha que foste batir no homem velho
só para ganhar a moeda.-1-2

Colmbra FRANOERQUE

13 Foi "perdido" pela mulher perversa, o pontifice
tariaro.-1-1

Lisboa VIRIATO SIMÕES

VARIA

LISBOA AMADA E TRISTE

Barreira de sombra
CAMPO PEQUENO

INAUGUROU-SE oficialmente no Domingo de Pascoa a temporada taurina de 1927, no Campo Pequeno. Não foi feliz a abertura da época, tanto pela escassa concorrencia, que apenas encheu meia locação, justificada por muitos motivos... quanto pela pouca variedade de trabalho dos lidadores, á excepção de alguma ferragem do cavaleiro Elmino Teixeira, a quem não se lhe pode negar valentia e muita vontade de agradar. José Fargancho, que se apresentou bem montado, pouco fez de aproveitavel.

Dos peões, teve as honras da tarde Custodio Domingos, em tres pares, sendo o primeiro de grande valor. F. Henriques, J. Parracho, J. Segarra e C. Santos diligenciaram ir além das suas forças, tendo sobressaído os dois primeiros em um par cada um, muito aplaudidos.

Na brega estiveram incansaveis Angelillo e Plas Flores, tendo este sofrido uma colchida de grande aparato, sem más consequências.

O espada Antonio Sanches, que não é nenhuma nulidade, foi pouco feliz com os touros que lhe couberam; esta é que é a verdade.

As fazes de grande entusiasmo, que levantaram grandes ovações, foram as valentissimas pegas dos forcados Manuel Burrico e Carraça, como poucas vezes se tem visto.

Manuel dos Santos dirigiu bem a lide, e os touros de Norberto Pedroso, á excepção do que abriu a corrida, que foi de uma grande nobreza, deram bastante que fazer a todos os lidadores, tendo estes sido *mimoseados* por vezes, sem desforra possível...

ZEPEDRO

Não adquiram nem vendam, ouro, pratas, relógios, jóias artisticas, antiguidades, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e moedas em ouro e prata, sem consultarem a joalharia de

Joaquim Nunes da Cunha, Lim.^{da}

RUA DA PALMA, 100 A 106
e esquina da RUA MARTIM MONIZ,
27. TELEFONE N. 2924.—LISBOA

porque é a que vende mais barato e melhor paga.

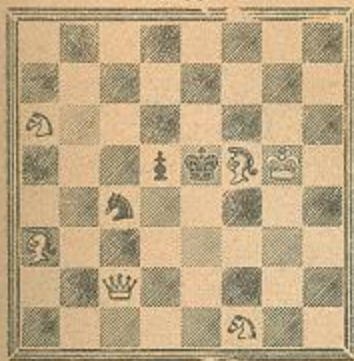


A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 119- PROBLEMA

Por W. Meredith

Pretas (3)



Branças (6)

As brancas jogam e ganham. Mate em dois lances.

Solução do n.º 118 (Ruel):

1. Tg7-e7 2. Tg7-g2 + 3. Tg2-a2 etc.
Kd1-c2 Rc2-b3!

1. Th1-e1 2. Tg7-g1 etc.

Resolveram o problema N.º 117 os srs. Nunes Cardoso, A. Guerreiro (de Setúbal) e Maximo Jordão.

TRES anos fóra dela! Que de surpresas haveria eu de encontrar neste burgo feliz da minha mocidade, dos meus sonhos de gloria e das mezas mais tristes da minha alma, e das ilusões do tempo antigo, aquêle, tão suave de luz como um luar de Maio num rozal!...

Já se me afigurava, agora, vê-la toda loira na macieza do Sol da primavera, Março de fulgurante «Mi-carême», rubicundas boquinhinhas de rainunculos, enquanto, pelas aleas da Avenida, as anemonas extranhas poizavam, calmas, suas côres variegadas, e diferentes todas elas, côres sem gritos, suspirantes, anelantes de sonho sem desejo, de leve maliciosos, sem maldade... —As anemonas são tão interessantes! Aquêlê talhão superior ao corêto tem para mim um singular sentido de evocação amaviosa. Viera eu na vespera de Gaia, onde tinha andado a avaliar corelas e vinhêdos, por môr do imposto, e apenas amanheçêra sobre esta dez vezes abençoada cidadezinha, si me lançara eu, do Lumiar, adonde pernôfara, á busca deste ar sem igual da nossa Lisboa ao acordar. Coisa bela, sem duvida, e de estôfo para artigo de grande Mestre—paisagista, que não eu, de mediocres faculdades picturais!

Mas o que, de repente, me sobressaltou a atenção, amadornada pelo Sol nascente, foi aquêlê talhão todo vestido em branco e roxo claro (penas de perneio algum rozado brando) de boninas e bons-dias misturadas, duma frescura salutar de alminhas ingenuas, todas de comaria para a missa-grande do sorriso divino de Abril.

E para sempre me ficou na memoria aquêlê talhão superior ao corêto da Avenida!

Agora, fugido do Chiado, orde o perfil galante das mulheres formosissimas mas raras não consegue diminuir o receio, quasi mêdo, produzido no adventicio pela expressão desconfiada e provocante do bicho-macho lisboêta —única na attitude—lá me fui de longada á velha Avenida—a matar as minhas saudades, doridas como as proprias flores desse nome. Mas onde as «sempre-vivas» de amarelo torrado, (como os cabêlos das moçoilas de Aveiro) e onde a fantasia merencoria das cinerarias, tinerarias extravagancias de isocronigeno cromático. Diversas e sempre as mesmas na sua beatitude resignada de quem vê o fulgor sempre nos outros?... Adonde o singêlo malinquer ingenuo e voluntarioso? E o cravo fulvo? ou, doce, o branco e o sanguinôso

côr de chaga em cura, como uma nodoa-negra dolorida?...

Rapavam troncos nus os oprariros da Camara, sem saber que a derme das arvores sobem cerenas seivas salvadoras e em vês de hiquens tôrpes matam almas. Os jardins já não têm cor nem cantos que a voz das flores ergue-se em perfume.

Os operarios cavam largos sulcos em que os rails dos electricos hão-de assentar dominadores. Mas fazem-no com ar cansado e sorna. Sorna é todo o progresso de Lisboa que destrói a beleza da cidade, sem lhe criar novos elementos de paisagem, nem de vida fecunda.

Minha Avenida amada doutros tempos!.

E desço com desanimo subito o que eu sonhara de revêr ditosamente.

Mas, agora, pior! Como?—tambem me levaram as minhas olaias, essa coisa mais linda disto tudo?... tambem—(mas que pavôr!)—tambem as minhas olaias, sangue estanque de virginais amorosas, vagos histerismos da cor, essas tambem, tão doces á minha alma em que a dôr tem violetas esmagadas—essas tambem, os barbars levaram?!...

Elas repoisavam, logo ao entrar da Praça, os olhos cansados do disparate architectonico de Lisboa e eram como um banho tepido ligeiramente perfumado, em que os nervos, irritados pela frequencia antipatica do indigena, se destendiam deliciosamente num longo espreguicar de alivio puro. Dum coquetismo de castelã provinciana, toucavam-se de esmaecidos róxos, tinta leve de magoas silenciosas, lilás tingido apenas dum sangue desbotado de anemia... Ai, tão lindas que elas eram, as olaias da Avenida...

Nem se dava sequer pelo pezadêlo do espêto dos Restauradores, nem por essa ignominia obscena da casaria dos recantos que os terramotos têo poupado para vergonha de Lisboa, sempre mais feia quanto mais «maquilada».

E a quando as petalas caíam, chuva irisada de sorrisos desfeitos, ficavam pelo solo, esparsas numa saudade intensa, olhando ainda as arvores perdidas, tapete imperial da desillusão. Como eram lindas as olaias da minha mocidade!...

F. DA SILVA PASSOS



Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º-ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 115

HORIZONTAIS.—1 pró, 2 vir, 3 beoph, 4 obreas, 5 hostia, 6 ea, 7 Rates, 8 rã, 9 incorruptos, 10 hom, 11 ira, 12 humectativo, 13 er, 14 toura, 15 ar, 16 fiacre, 17 reimão, 18 olgas, 19 ahi, 20 ona.

VERTICAIS.—1 presar, 3 barometro, 12 hei, 21 bei, 22 ranhura, 23 orió, 24 urpheu, 25 hospitais, 26 troavam, 27 ias, 28 tr, 29 com, 30 tri, 31 coelho, 32 tu, 33 arrala, 34 ora, 35 gana.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos distintos colaboradores «Dois Principiantes».

HORIZONTAIS.—1 sova, 2 aqui (inv.), 3 ocio, 4 folga, 5 zombar, 6 ciu-me, 7 suportar, 8 viração, 9 duas vezes, 10 seguita, 11 o mais, 12 região, 13 especie de pudim, 14 outra coisa, 15 medida itineraria da China, 16 dir-gir-se, 17 chiste, 18 especie de lagarto, 19 para cá, 20 feses, 21 caminhava, 22 cia! (interj.), 23 nota, 24 vestido de criança.

VERTICAIS.—25 para, 26 brando, 27 luto, 2 elemento, 28 «nome» (m.), 4 multidão, 29 seguir, 30 velnaco, 6 travêso, 31 conta corrente, 32 duas letras de guia, 33 l.iga, 34 leque, 35 porção, 11 manto de beduinos, 36 marchava, 16 deslocar-se, 18 medicamento chinês, 37 ociosidade, 38 gritos

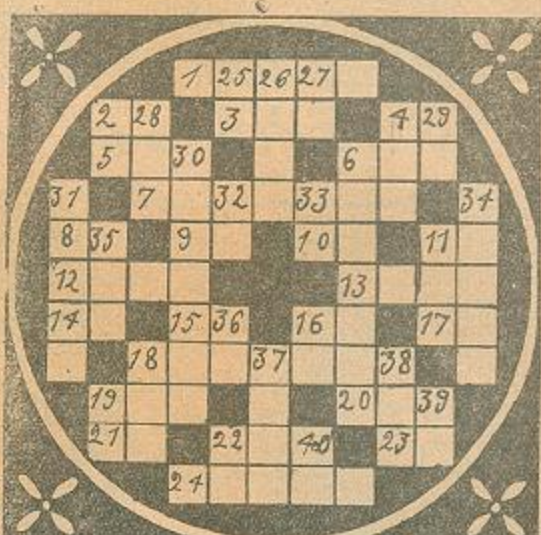
QUADRO DE HONRA



allitivos, 19 grito de dôr, 39 ne se lugar, 22 eu, 40 quadrupede.

CORREIO

EDIPO INOTO—Os problemas de V. Ex.ª



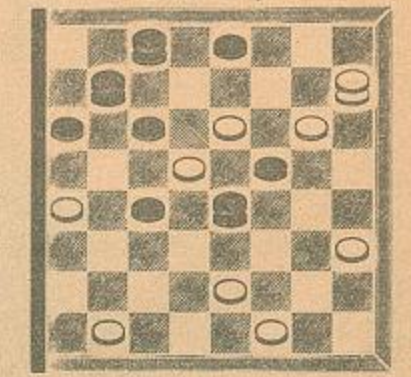
Lisboa - 1927 Dois Principiantes

precisa sêr desenhado a tinta da China, não podendo sêr publicados aqueles que enviou, por não satisfazem rem aquêlê requisito.

RENANDOFF—O pedido de V. Ex.ª será presente ao director efectivo (DR. FANTASMA), assim que ele retome o seu lugar.



PROBLEMA N.º 118 Pretas 3 D 5 p.



Branças 1 D 8 p. As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 117

Table with 2 columns: Brancas, Pretas. Rows 1-7 showing move sequences.

Resolveram o problema n.º 116 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Augusto Tciaira Marques, Carlos Gomes (Bemica), José Brandão (Infantes), Mario Domingos Pereira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado, foi nos enviado pelo sr. Armando Machado, que o dedica ao sr. Leopoldo Sacramento de Ilhavo, grande solcionista de Damas.

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

actualidades graficas

A EXPOSIÇÃO CULINARIA EM PARIS



1—A fenomenal pirâmide de garrafas de champagne que se exhibe como um pesado dos habitantes dos países da lei seca...

2—O ilustre escritor José de Faria Machado, que acaba de publicar com grande êxito um notavel romance intitulado «Novos ricos».

LIVROS NOVOS



UM DESPORTO ORIGINAL



3—A França também bate records de construção—como o prova este gigantesco farol de 15 milhões de velas de intensidade.

4—Uma deliciosa actriz americana desliza velozmente numa «glissade», usando como tapete um gentil crocodilo...

A VIDA RELIGIOSA NO NORTE



Procissão da Ressurreição em Paranhos.



Procissão do Enterro em Faranhos.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE



A MELHOR CERVEJA DO PAIZ

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS
CONTINENTE E BARRIOS
LISBOA - 48 RUA DO...
COIMBRA - 24 RUA...
PORTO - 12 RUA...

ilustrado

ASSINATURAS
COLONIAS
LISBOA - 23 RUA...
ESTRANGEIRO
LISBOA - 48 RUA...

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES - GAZETAS - THEATRO, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES

DUNLOP

MAIOR DURAÇÃO
MAXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA
GRANDE REFORÇO

Em 1888, fabricou-se no 3º mundo o primeiro pneumático. Fabricou-o **Dunlop**.
Em 1890, fabricou **Dunlop** o primeiro pneumático sem talão, ou com rebordos d'arame, hoje conhecido por "straight side".
Hoje, ainda é **Dunlop**, quem fabrica de todos, o primeiro pneumático.
Automobilistas, aproveitai a longa e sabia experiencia do mais antigo fabricante do mundo!
"Use **Dunlop** e ficará satisfeito".